

NOTAS DE LEITURA

Contravento, Luis Romano

Com seleção, tradução e apresentação de Luis Romano, a Atlantis Publishers, Taunton, Mass., acaba de publicar uma antologia bilíngüe da poesia caboverdiana, em português e em crioulo de Cabo Verde (ou língua nacional de Cabo Verde na designação de Luis Romano). No estudo introdutório, "A língua Caboverdiana", o autor apresenta a evolução do uso da língua caboverdiana, matéria que já mereceu dois estudos em profundidade: *O Dialeto Crioulo de Cabo Verde*, de Baltasar Lopes e *Cabo Verde - Contribuição ao estudo do dialeto falado no arquipélago*, de Dulce Almada.

O trabalho de Luis Romano levanta um problema muito interessante, o do crioulo - designação que desagrada ao autor - e escrito em Cabo Verde e tratado de forma diversa por vários autores, entre os quais o próprio Luis Romano.

Fernando Mourão

ABRANCHES, Henrique. *A Konkhava de Feti*. Lisboa/Luanda, Edições 70/União dos Escritores de Angola, 1981

O autor, a quem já se devem vários e importantes trabalhos, apresenta agora uma história recriada dos povos do sul de Angola, através da epopéia do jovem Kapita, o solitário da Chibia, "que viajou pelo mundo em busca da Konkhava de Feti, que é a machadinha da sabedoria". A epopéia dos Mbalis é comparável a grandes obras já consagradas: *Chaka*, de Thomas Mofolo; *Le Maître de la Parole (Kouma Lafôlô Kouma)*, de Camara Laye; *Katdara*, de Hampaté Amadou Bâ e *Sundjata ou a epopéia mandinga*, de Djibril Tamsir Niane, trabalhos que retratam as grandes sagas de alguns povos africanos e hoje divulgadas em várias línguas.

Henrique Abranches é ao mesmo tempo o antropólogo, o historiador e o homem de letras que recobre a saga desse povo através de uma linguagem

poética, mantendo a dinâmica própria da oralidade, da tradição viva e sempre recriada, de onde recolheu sua história que nada perde com a codificação da escrita.

“Sim, é uma história verdadeira, porque existiu na voz dos velhos das nossas aldeias, alimentada pelo tempo que enriquece as coisas, pela sabedoria dos séculos que se deposita sobre a cabeça dos homens como poeira sagrada, como o chapéu de fina tecelagem que usa o chefe”.

Fernando Mourão

KI-ZERBO, J. (Org.) *História Geral da África*. Metodologia e Pré-História Africana. 1^o Vol. São Paulo, Ática, 1982

REFAZENDO A HISTÓRIA AFRICANA

Se a justiça tarda mas não falha, como afirma o ditado popular brasileiro, o mesmo pode-se predizer com relação à História: nela, as relações de dominação podem demorar a mostrar os seus elos de violência, mas certamente, em algum tempo, serão quebrados por uma verdade evidente, irrefreável. Assim foi com a África. Tantos séculos empurrado para a sombra dos fatos, esse continente alcança agora sua independência não só política como também cultural.

Uma contribuição importante nesse sentido, vem sendo a realização da *História Geral da África*, excepcional empreitada dos cientistas políticos e sociais e estudiosos africanos, tentando resgatar a identidade própria do seu continente. A idéia de se realizar uma história da África, sem preconceitos e resgatando as tradições locais, surgiu em 1964. Nesse ano, a Conferência Geral da Unesco encarregou o seu Diretor-Geral a dar início ao projeto. Dezoito anos depois, chega ao Brasil o primeiro volume desse empreendimento, ainda inacabado, pois só dois volumes de uma previsão de oito estão publicados em francês e inglês.

Este volume (co-edição Ática/Unesco), embora faça parte de uma série, vale por si só. Tratando com profundidade questões metodológicas na busca de uma abordagem diferente para a peculiar história africana e oferecendo ainda um detalhado panorama de como se deu a pré-história na África, constitui-se em obra fundamental. Sua contribuição — a mais elaborada que temos — abrange um retrospecto das raízes africanas, bem como das suas influências sobre outras culturas, como no caso da brasileira.

Sob a coordenação de J. Ki-Zerbo, reúnem-se neste volume contribuições de vários países, dando ao seu conjunto uma unidade exemplar. Destaca-se porém, ao meu ver, o capítulo sobre a “Tradição viva”, em que Hampaté Bâ faz um verdadeiro estudo antropológico sobre a tradição oral enquanto instrumento que coloca o homem em relação dinâmica com a

linguagem e com o mundo. Mas, há ainda muitas outras coisas que este livro oferece para o leitor especializado ou mesmo para o leigo interessado em conhecer melhor as forças que agiram sobre a história do homem. Uma história complexa, sem dúvida. E fascinante.

Fernando Paixão

Trilingualism for language in Education in sub-Saharan Africa,
by C.M.B. Brann, University of Maiduguri, Nigeria.

In view of the rising importance of selected 'national', 'major', 'main' languages, as compared with the large number of unidentified 'mother tongues' in sub-Saharan Africa, a trilingual model for language in Education and Society is naturally arising, which is here surveyed and developed.

Language planning is here seen as closely linked to educational planning, since it is through the rising generations that language shift can occur. For the first time since the decade of Independence, many African countries are thoroughly reforming their educational systems and curricula. It is asked how the trilingual configuration can best fit into the new systems, the 3-language formula being: L1 /Mother Tongue, language-of-the-soil or *chthnolect(c)*; L2 Other Tongue, communal language, or lingua franca, now tending to assume national roles, or *demolect(d)*; L3 Further Tongue, or link-language, the 'received' official language, or *metalect(m)*.

The language planning process is developed in some detail under seven parameters: Factors, Agencies, Processes, Policies, Development, Implementation and Evaluation — each of which is discussed in relation to the 3-language model and with reference to examples taken from the 49 sub-Saharan States. During the discussion, the need for further studies in certain areas is pointed out.

The study is illustrated by two model diagrams, showing i. the functions of the 3 — language types in the educational pyramid and ii. the process of language-planning for Education, incorporating the same pyramid as the end product. In an annex, a table of countries is shown with the language-population ratio and language-unity index, as a comparative tool for language policies. A select bibliography lists both general works, as well as country studies.